

ANDAMOS EM CONSTELAÇÃO!

Sinodalidade para adiar o fim do mundo

Pascal A. Bekububo

CIMI (Pastoral Indigenista) – Redenção, PA
paskobek@gmail.com

RESUMO: A sinodalidade tem sido definida como “caminhar juntos”. Assim, neste artigo, propõe-se responder a seguinte pergunta: como os povos ameríndios compreendem “caminhar juntos”? A partir da sabedoria de Ailton Krenak, ancião do povo Borum (KRENAK,) e líder histórico do movimento indígena no Brasil, sinodalidade seria “andar em constelação.” Trata-se, primeiro, de reconhecer a humanidade como uma realidade plural cuja comum pertença à Terra, constitui o princípio primordial de convivência amigável. Também, implica-se cultivar a experiência onírica como geração de afetos coletivos no cotidiano e interação com a ancestralidade. Tudo isso, enfim, leva a envolver-se na resistência indígena para adiar o fim do mundo ou a queda do céu, e cultivar a inutilidade da vida. No final, o artigo aponta algumas implicações para a conversão sinodal.

ABSTRACT: Synodality has been defined as “walking together.” Thus, the present article intends to answer the following question: how do amerindian people understand “walking together”? From the wisdom of Ailton Krenak, elder of the Borum (KRENAK,) people and historic leader of the indigenous movement in Brazil, synodality would be “walking in constellation.” This means, first, to recognize humanity as a plural reality whose common belonging to Earth is the primordial principle for a friendly coexistence. Also, it implicates fostering dreaming as an experience that generates collective affections on everyday existence and interaction with the ancestors. And, lastly, it involves being part of the indigenous resistance to hinder the end of the world or the fall of the sky, and to contemplate the uselessness of life. In the end, the article draws some implications for a synodal conversion.

“Caminhar juntos!” Assim tem sido definida a sinodalidade. Sendo os discípulos de Jesus identificados como “os seguidores do Caminho”, ser sínodo é “seguir juntos no Caminho do Senhor (At 18,25)” (Doc. Final, 87). Trata-se, portanto, de uma palavra

antiga que representa o jeito mesmo de ser Igreja em saída. Por isso, o Papa Francisco a resgatou da memória ancestral cristã para animar o Povo de Deus a ir além dos 3, 4, 5% que frequentam nossas estruturas para encontrar, escutar e interagir ternamente com todos (Discurso 2021). Neste sentido, esse artigo surge para responder à seguinte pergunta: como os povos ameríndios compreendem “caminhar juntos”? Escolhemos oferecer uma resposta a partir de alguns escritos de Ailton Krenak.

Este líder indígena faz parte do povo Krenak, autodenominado *Borum* – um dos grupos remanescentes Botocudos – e habitante da região do *Watu* (rio Doce em *Borum*), um território que sofre com a interferência criminosa de empresas mineradoras. Ele ficou conhecido como o militante que, ao defender o projeto indígena na Constituinte, discursou pintando seu rosto de preto. Ele é, sobretudo, um ancião que comunica seus sonhos em linguagem simples e límpida, a partir de uma memória ancestral alimentada de vários anos de luta no movimento indígena e de convivência com outros povos originários.

Assim, para Ailton Krenak, “caminhar juntos” seria “andar em constelação” como essência mesmo da resistência indígena. Seu pensamento pode ser apresentado à partir de três idéias-chaves: primeiro, a questão da humanidade como desafio de reconhecimento do outro para garantir “um lugar de diversidade” e como pertença à Terra e condição partilhada por tudo que existe; segundo, o sonho como instituição pela qual se *afeta* coletivamente o cotidiano e como via de interação com os ancestrais; enfim, adiar o fim do mundo ou suspender o céu como missão ancestral de resistência e reencantamento da vida. Cada parte inicia com uma história (um mito) que dá embasamento ancestral e luz ao seu pensamento. Destarte, concluiremos o artigo apontando possíveis caminhos a serem trilhados como Povo em conversação sinodal.

Não queremos aqui meramente satisfazer a curiosidade dos leitores, senão propiciar a possibilidade de encontro amoroso e intercultural que possa *afetar* o nosso pisar pessoal e coletivo na terra. Pois “caminhar juntos” ou “andar em constelação” é uma

herança ancestral que sustenta a resistência secular de uma porção da humanidade que acredita que “a terra não pertence ao homem: é o homem que pertence à terra. Pois todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto agride a terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama, a si próprio fará” (Cacique Seattle).

1. SOMOS UMA HUMANIDADE?

Assim conta o povo Tikuna, habitante no rio Solimões, na fronteira do Brasil com a Colômbia, sobre sua origem a partir da ação dos irmãos (gêmeos) Hi-pí, o mais velho ou aquele que nasceu primeiro, e Jo-í, seu companheiro:

Quando eles ainda estavam andando na terra e criando os lugares, eles iam andando juntos, e quando o Jo-í tinha uma ideia e expressava essa ideia, as coisas iam se fazendo, surgindo da sua vontade. O irmão mais velho dele vigiava, para ele não ter ideias muito perigosas, e quando percebia que ele estava tendo alguma ideia esquisita, falava com ele para não pronunciar, não contar o que estava pensando, porque ele tinha o poder de fazer acontecer as coisas que pensava e pronunciava. Então, Jo-í subiu num pé de açaí e ficou lá em cima da palmeira, bem alto, e olhou longe, quanto mais longe ele podia olhar, e o irmão dele viu que ele ia dizer alguma coisa perigosa, então Hi-pí falou: “olha, lá muito longe está vindo um povo, são os brancos, eles estão vindo para cá e estão vindo para acabar com a gente”. O irmão dele ficou apavorado porque ele falou isso e disse: “olha, você não podia ter falado isso, agora que você falou isso, você acabou de criar os brancos, eles vão existir, pode demorar muito tempo, mas eles vão chegar aqui na nossa praia.” E, depois que ele já tinha anunciado, não tinha como desfazer essa profecia. (KRENAK, 1999, p. 27).

a. “Inventar mundos para existirmos”

A profecia se realizou. E, desde então, 1500 segue ocorrendo todo dia, inclusive naquele dia 04 de setembro de 1987. No seu discurso, Ailton Krenak denunciou a rejeição das emendas 39 (do

CIMI, por um Brasil Plurinacional) e 40 (de Indígenas e Indigenistas, por um Brasil Pluriétnico) coletivamente construídas para garantir aos povos indígenas seus direitos originários. Pintando seu rosto de preto, ele manifestou, em nome dos povos indígenas, a indignação e o luto pela agressiva campanha de difamação promovida pelo poder econômico taxando os povos (e o CIMI) de inimigos do Brasil. Mas é fato reconhecido que “os povos originários têm regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil” (KRENAK, 1987). E, apesar das agressões, os povos originários não iam desistir de lutar pela dignidade, pela possibilidade “de construir uma sociedade que sabe respeitar os mais fracos... que saiba respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas” (KRENAK, 1987).

De fato, acreditar na possibilidade dos ameríndios, dos africanos e dos europeus formarem uma nação é o desafio. Como romper as dicotomias, as fronteiras e garantir “um lugar da diversidade”? (KRENAK, 1999, p. 29). Como criar *un mundo donde quepan muchos mundos*? perguntariam os Zapatistas. Por que os povos originários ainda são vistos como os selvagens que devem ser descobertos, cristianizados, civilizados e desenvolvidos? Ainda hoje, diz Krenak, o Brasil parece menos com uma nação e mais com um acampamento no escuro onde, o cotidiano de violência e guerra entre os grupos é interrompido quando, momentaneamente, irrompe um raio, uma luz que faz as pessoas se reconhecerem e convergirem num movimento como o constituinte, por exemplo. Por isso, para “inventar mundos onde existirmos,” é preciso se libertar da angústia da certeza e adentrar o tempo do mito (que é protagonismo histórico de um sujeito coletivo), o tempo da possibilidade.

Mas este caminho é longo e envolve o reconhecimento do território como a base essencial da organização social indígena. Para um povo originário, território não se limita ao dispositivo jurídico chamado “Terra ou Reserva Indígena”. Território é “onde a nossa história, os contos e as narrativas do meu povo vão acendendo luzes nas montanhas, nos vales, nomeando os lugares e identificando na nossa herança ancestral o fundamento da nos-

sa tradição” (KRENAK, 1999, p. 25). Por isso, Krenak convida a um esforço cultural, coletivamente amplo para educar as instituições (Estado, Igreja, ONGs, etc) e iluminar “os ambientes da nossa cultura comum que ainda ocultam a importância que o Outro tem” (KRENAK, 1999, p. 28).

De fato, reconhece este defensor dos direitos indígenas que, o Brasil se formou na base da invasão, da escravidão e de conflitos. Mas esses conflitos envolvem parentes, pois várias sociedades indígenas reconheceram nos europeus, por exemplo, o retorno profetizado do parente que

foi embora há muito tempo, e que indo embora, se retirou também do sentido de humanidade, que nós estávamos construindo. Ele é um sujeito que aprendeu muita coisa longe de casa, esqueceu muitas vezes de onde ele é, e tem dificuldade de saber para onde está indo (KRENAK, 1999, p. 27).

Por isso, faz-se urgente que todos, índios, brancos e negros, cultivem

a capacidade de viver junto sem se matar, reconhecendo a territorialidade um do outro como elemento fundador também da sua identidade, da sua cultura e do seu sentido de humanidade. (KRENAK, 1999, p. 26).

b. “Voltemos à terra!”

Daí, Ailton Krenak nos provoca a examinar a nossa ideia de humanidade e denuncia o antropocentrismo que escolheu o progresso como seu destino e a tecnologia como seu caminho, reduzindo a humanidade a um clube exclusivo e relegando para a sub-humanidade todo o resto racializado, isto é tudo que não é *homo sapiens*, europeu, masculino, etc. Está violência sobre os sujeitos coletivos vai produzindo indivíduos coloniais e racializados, causando assim a alienação entre a pessoa e o lugar como suporte de vida a fim de possibilitar a expansão capitalista e a mercantilização dos territórios.

Para este ambientalista e seu povo gravemente afetado pelas atividades criminosas da mineradora Vale ou para os demais po-

vos originários assediados por garimpeiros, grileiros, mineradores, agronegócio e outros “belos monstros,” esse processo se manifesta descaradamente pela epistemologia do saque que captura sujeitos alienados do lugar e os transforma em seus agentes capacitados a justificar que agro é pop, que é progresso matar com mercúrio o rio onde a comunidade toma banho e pesca. Evidentemente, esta alienação do humano com o lugar de vida é a causa das mazelas, enfermidades e doenças – os *Xawará*, inclusive as zoonoses como a Ébola ou Covid19 – o aquecimento global e a extinção de espécies animais e vegetais, as tragédias criminosas de Mariana e Brumadinho, as guerras e desigualdades sociais, etc. Ou seja, tudo que pode causar a queda do céu vem dessa alienação.

É, portanto, para romper com este processo de alienação entre a humanidade e a Natureza que os povos indígenas realizam as retomadas de seus territórios e exigem a demarcação dos mesmos, reafirmando assim o seu pertencimento à terra. Porque “tudo é natureza” (KRENAK, 2020, p. 44). Ou seja, os povos indígenas lutam pela terra porque eles lhe pertencem e não o contrário.

Frente à despossessão, a espoliação e expropriação do desterro da relação ecológica com a Natureza, proteger a terra tem o sentido da existência. O lugar transcende a Natureza em sua percepção como recurso e alcança a dimensão da existência como sagrado. O lugar espiritual é onde a terra descansa, e se o lugar é sagrado é em razão da transcendência da Natureza, da percepção como recurso (KRENAK, 2018).

Isso é ecologia, a comunhão vital com o território, como afirma Davi Kopenawa:

Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os xapiri, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! É tudo o que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca. As palavras da ecologia são nossas antigas palavras, as que Omama [o demiurgo yanomami] deu a nossos ancestrais. Os xapiri defendem a floresta desde que ela existe. Sempre estiveram do lado de nossos antepassados, que por isso nunca a devastaram. Ela continua bem viva, não é? Os brancos, que antigamente ignoravam essas coisas, estão agora começando a entender. É por

isso que alguns deles inventaram novas palavras para proteger a floresta. Agora dizem que são a gente da ecologia porque estão preocupados, porque sua terra está ficando cada vez mais quente. [...] Somos habitantes da floresta. Nascermos no centro da ecologia e lá crescemos. (KOPENAWA, 2015, p. 480).

Do mesmo modo, para Ailton Krenak, a humanidade só pode existir no plural: humanidades, tanto no sentido de diversidade quanto no sentido de coletividade. Ou seja, é a morte do individualismo, do egocentrismo e do antropocentrismo. É a volta à empatia pelo outro, a volta ao bem do coletivo, ode ninguém é dono de ninguém. Humanidade é realmente *ubuntu*, eu sou porque somos! Esta humanidade inclui a imensidão de todos os seres que existem e traz no seu bojo a centralidade da comunhão com o território, do pertencimento à Terra. Pois, “tudo está interligado, que nada está dividido e que nada está fora” (CHO-QUEHUANCA, 2020). Assim, “gente, lugar e jeito de estar no lugar compõe um todo” (KRENAK, 2018).

A pandemia de covid-19, declara este educador incansável, prova que é ilusório pensar que se a economia parar, nós morremos. Ninguém come dinheiro. A humanidade segue viciada em modernidade e suas promessas de progresso, se entupindo de tecnologia e, surda aos apelos da Terra, concentrando riquezas e propriedades. Mas, surgem também algumas iniciativas com agroecologia, agroflorestal e a permacultura que denunciam a ilusão do desenvolvimento e promovem o envolvimento. O caminho, portanto, é despertar o olhar interior, fazer a difícilíssima viagem para dentro de si e ouvir o canto da vida, reflorestar mentes para curar a Terra (tema da Segunda Marcha das Mulheres Indígenas, em setembro de 2021). É o mesmo apelo que ressoou do último FOSPA:

voltemos à terra, a sentir a partir das espiritualidades, a olhar para dentro de nós mesmos, a fortalecer nossos laços e curar as feridas de nosso território e corpo, a ganhar a força interior, a unidade que, como povos necessitamos para a compreensão e ação no cuidado e defesa da Amazônia” (Carta de Mocoa, FOSPA 2020).

Não são as corporações que sustentam a vida, mas a Mãe Terra, a *Pachamama*. Por isso, as mulheres indígenas, na sua pri-

meira marcha em 2019, reafirmaram que “ território é nossa própria vida, nosso corpo, nosso espírito.” Elas se afirmaram como “responsáveis pela fecundação e pela manutenção de nosso solo sagrado ... guerreiras em defesa da existência de nossos povos e da Mãe Terra.” Consequentemente, declararam

lutar pelos direitos de nossos territórios é lutar pelo nosso direito à vida. A vida e o território são a mesma coisa. Pois a terra nos dá nosso alimento, nossa medicina tradicional, nossa saúde e nossa dignidade. Perder o território é perder a nossa mãe. Quem tem território, tem mãe, tem colo. E quem tem colo, tem cura.

2. SONHAR JUNTOS: A SURPRESA DO ÓBVIO

Conta Ailton Krenak que, um dia, enquanto morava na Terra Xavante Pimentel Barbosa, o ancião e pajé Sibupá

chamou seus sobrinhos de adoção - eu entre eles - e nos disse: ‘eu tive um sonho em que o espírito da caça estava muito bravo e dizia que eu era um irresponsável, que eu não estava cuidando bem dos espíritos dos bichos, que os waradzu (os brancos) estavam predando tudo e logo acabaria a caça e as pessoas não teriam mais o que comer.’ Na visão daquele pajé, que os jovens foram convocados a partilhar, a terra ficaria desolada. (KRENAK, 2020, p. 20).

A partir de suas visitas às comunidades indígenas da Amazônia, especialmente, Krenak reconhece que despertou ao sentido do “sonho como instituição,” uma prática cultural que potencializa o inter-agir dos humanos no cotidiano.

Você não conta seu sonho na praça, mas para às pessoas com quem tem uma relação. O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-lo é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-lo aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível. (2020, p. 21).

Ou seja, sonhar e partilhar seus sonhos potencializa a interação humana pois revela o cotidiano, o tempo presente. Não se

trata aqui de interpretar o sonho porque é nada onírico. Também, sonhar enraiza os presentes na tradição ancestral, faz os presentes abertos e disponíveis ao olhar dos ancestrais. Além disso, o ato de contar, de partilhar o sonho criar comunidade e consolida a consciência coletiva, no espaço e no tempo.

Diz Krenak que em muitas comunidades indígenas, o coletivo -os pais, a família- sonha com a criança antes de concebê-la na barriga da mãe. De modo que durante a gestação, a família já sabe o nome da criança que vai nascer, o ancião ou a anciã que está vindo. Assim, os sonhos revelam o fluxo da vida onde o remo é a memória ancestral.

Sonhar é um movimento coletivo que fortalece a resistência -continuar sendo o que somos- cultiva a integridade do povo e cultua a pertença cósmica. Nas palavras deste pensador indígena, “estamos andando aqui na Terra, mas andamos por outros lugares também ... andamos em constelação” (KRENAK, 2020, p. 21). Ou seja, o sonho potencializa a *re-existência* (termo de Viveiros de Castro) coletiva dos povos ameríndios porque possibilita alianças inclusive com seres habitantes de outros lugares do Cosmos. Evidentemente, os sonhos dos caçadores-coletores diferem dos sonhos dos agricultores, dos ribeirinhos. Os sonhos dos povos da floresta diferem dos sonhos dos povos do cerrado, etc.

Conseqüentemente, na perspectiva do sonho, o ser humano ganha não se distanciando das demais criaturas, mas construindo alianças, não somente circunstanciais, mas existenciais e *afetivas* com os seres com quem convive no mesmo território. A nova reconfiguração da humanidade passa pelo reconhecimento de que o ser humano não é o sal da terra, investido de qualquer qualificação especial. O racismo, a destruição dos ecossistemas, as guerras demonstram o quanto a técnica e a busca do progresso são um pesadelo para a Terra. A decisão de um governante de não demarcar nem um centímetro de terra indígena, ou de vetá-lhe, durante a pandemia de covid-19, o abastecimento em água potável comprova a distopia que a necropolítica dissemina. É hora, então de acordar deste pesadelo e sonhar juntos com um mundo novo, uma humanidade transfigurada. Daí, notadamente,

trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. E todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho. E as relações, os contratos tecidos no mundo dos sonhos, continuavam tendo sentido depois de acordar. Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora (KRENAK, 2020, p. 25).

3. PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Tem uma história antiga do povo Krenak que diz que o Criador deixou uma humanidade aqui na Terra e foi para algum outro lugar do cosmos. Um dia ele se lembrou de nós e disse: “ah, eu deixei minhas criaturas lá na Terra, preciso ver o que eles se tornaram”. Mas, enquanto fazia esse movimento incrível de vir até aqui nos ver, ele pensou: “E se eles tiverem se tornado algo pior do que eu posso conceber! O melhor seria não ter um encontro pessoal com eles. Vou fazer o seguinte: vou me transformar em uma outra criatura para ver as minhas criaturas.” Ele se transformou num tamanduá e saiu pela campina. Em certo momento, um grupo de caçadores, de bordunas e laços se encostaram numa paisagem, avançaram sobre ele, o prenderam e levaram pro acampamento com a intenção óbvia de comê-lo. Duas crianças gêmeas, que observavam a cena, evitaram que ele fosse levado para a fogueira. Ele então se revelou para os meninos, que, antes que os adultos descobrissem, acobertaram a sua fuga. Do alto de uma colina, os meninos gritaram: “avô, o que você achou da gente, suas criaturas!” E Deus respondeu: “mais ou menos”. (KRENAK, 2020, p. 22).

É perceptível que o experimento humano está longe de realizar o seu propósito. E portanto, pode ser extinto. Essa possibilidade apocalíptica não é nem uma novidade, nem uma exclusividade das cosmologias indígenas. Pois, na Bíblia, encontram-se histórias parecidas nas quais o Criador, desgostado da sua obra a

extingue e cria uma nova. Assim é a história de Noé e do dilúvio, por exemplo (Gn 6,1-9,17); uma história ancestral judaico-cristã que ilustra a nossa relação visceral, uterina com demais criaturas, seja na vida, seja na morte. Pois “não podemos ser humanos sem o Cosmos, sem a Terra e os habitantes com quem compartilhamos o mesmo destino cósmico” (MIRANDA, 2022). Mas os Brancos, desprovidos de memória ridicularizam tais relatos quando as ouvem. Se o *necrocapitalismo* (termo de Suely Rolnik) seguir devorando mundos por meio de seus avanços tecnológicos, em vez de sonhá-los, seremos extintos sem deixar saudade na terra.

Nisso, Ailton Krenak vê a covid-19 como uma metáfora da pegada devastadora da humanidade, banalizando a vida na terra. Para ele, a pandemia e o isolamento social representam um grito da *Pachamama* por silêncio e recolhimento, por um basta, stop! Portanto, é preciso coragem e cuidado para restaurar a comunhão com tudo o que existe, curvar a cabeça até a terra e ouvir o pulsar do seu coração através da montanha, do vento, dos pássaros, etc. É preciso “parar de vender o amanhã” (KRENAK, 2020, p. 47).

Pois, nem a pandemia, com tantas mortes que segue causando, consegue transfigurar o coração do ser humano. A indiferença e a violência seguem se manifestando em atitudes tais como cortar verbas para Educação e aumentar o fundo eleitoral ou no linchamento de Moise, jovem refugiado congolês, por ter reclamado seu direito. Segue-se devorando a *Pachamama!* Daí, “voltar ao normal” -este normal- comprovaria que realmente o experimento humano falhou, que a humanidade, sim, é uma verdadeira praga na Terra. E, apesar da nossa insensibilidade, seguimos juntos porque onde um pisa, fica o rastro não somente dele, mas o nosso, o rastro de uma humanidade suicida.

No entanto, Krenak reconhece que anseia pelo fim *deste* mundo atravessado pela modernidade e sua ilusão de progresso ilimitado. Neste mundo formatado pela cultura ocidental, hegemônica e monocromática, a Natureza foi reduzida a uma abstração e a Terra, nossa Mãe, foi alienada como uma mercadoria. Pois assim faz o pensamento ocidental colonial: primeiro, negar

a humanidade, a existência do outro para, depois, explorá-lo, devorá-lo como um produto civilizado. Isso se manifesta especialmente pelo sistema de Educação que marginaliza a ancestralidade -o verdadeiro ambiente educativo- para ser uma descarada fábrica da loucura (KRENAK, 2020, p. 55) onde ensina-se que devorar o Planeta é desenvolvimento. Tal mundo deve acabar mesmo.

O líder indígena alerta que a missão de adiar o fim do mundo não pode se limitar a uma ideia mistificada de sustentabilidade. Isso seria uma ilusão semelhante às religiões: “é só uma fricção com a paisagem, não tira do ponto morto” (2020, p. 55). A sustentabilidade nasce da percepção de que sozinho não posso fazer muita diferença, que “não vou me salvar sozinho de nada, [porque] estamos todos enrascados” (2020, p. 56). Assim, preciso desaprender meu egoísmo, deixar-me *afetar* pelas cosmovisões que cultivam a memória da Terra como Mãe para, juntos, sonharmos outras formas de habitar e conviver com a Terra.

Mas, a sustentabilidade esconde o poder de cooptação do capitalismo de transformar tudo em moda. Certo, precisamos mudar nossos hábitos porque, mesmo que a Terra tenha o suficiente para satisfazer todas as necessidades, não há planeta que aguente o desejo infinito de mercadorias com o qual o *necrocapitalismo* segue nos contaminando. Ainda, é uma ilusão acreditar que seremos salvos pelos artifícios da tecnologia que não passam de brinquedos mortíferos caríssimos e manipulados por uns privilegiados. Estes esperam migrar para Marte quando tiverem devorado tudo da Mãe Terra. A sustentabilidade pode ser uma mania para “o capitalismo ... nos vender até a ideia de que nós podemos reproduzir a vida. Que você pode inclusive reproduzir a natureza. A gente acaba com tudo e depois faz outro, a gente acaba com água doce e depois ganha um dinheiro dessalinizando o mar”. Por isso, conclui Krenak, “nós não precisamos de nada que esse sistema pode nos oferecer, mas ele nos tira tudo o que temos” (2020, p. 35). Porque a sustentabilidade é, na verdade, mais uma receita para tornar a vida útil. “A vida, [no entanto], não tem utilidade nenhuma” (2020, p. 57).

De fato, Krenak traz essa sabedoria a partir da experiência da sua comunidade atingida pelos crimes socioambientais de Mariana e Brumadinho e a destruição da bacia do rio Doce, em Minas Gerais. A comunidade resistiu aos apelos de sair e abandonar o território porque ele não tinha mais condições de garantir a sobrevivência da comunidade. E a história está do lado dos Krenak, pois o Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade (vol. II, p. 215-216) comprovou que crimes socioambientais eram propositalmente cometidos para provocar a remoção do povo do seu lugar para um outro território e assim, com a bênção do Estado, dar alguma utilidade à terra (o povo Parakanã de Apyterewá, por exemplo).

Contudo, adiar o fim do mundo não almeja garantir a sobrevivência, mas a vida, “a vida [que] é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica” e não pode ser reduzida a uma coreografia utilitária” (KRENAK, 2020, p. 57). “Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência ... Sobreviver já é uma negociação em torno da vida, que é um dom maravilhoso e não pode ser reduzido” (KRENAK, 2020, p. 58). A busca por uma vida útil ou a cobrança para fazer coisas úteis é a causa de muitos transtornos psíquicos como a depressão, ansiedade, cansaço, acédia, angústia e suicídio que se agravaram com a pandemia. A busca da existência utilitária também orienta as religiões, as ideologias e a política, denuncia Krenak. Fruir a vida é a maravilha da existência.

Assim, os povos originários, do Tibete à Amazônia, da Nova Zelândia aos Andes têm lutado para “escapar dessa captura, experimentar uma existência que não se rendeu ao sentido utilitário da vida, criar um lugar de silêncio interior. Nas regiões que sofreram uma forte interferência utilitária da vida, essa experiência de silêncio interior foi prejudicada” (KRENAK, 2020, p. 59). Para o pensamento ocidental marcado pelo esquecimento e a ânsia por mercadorias, os povos indígenas são preguiçosos por serem sociedades sem Estado e sem propriedade privada. Mas, para os povos ameríndios, a vida é um dom e estar no território é encontrar-se no regaço aconchegante da Mãe Terra, como afirmaram as mulheres indígenas. Esta é a sabedoria que os povos originários,

igualmente ameaçados pelos *Xawará*, precisam compartilhar com outros povos para, juntos, atravessarem o deserto.

A missão de suspender o céu é uma herança ancestral carregada pelos povos que conservam a memória viva da nossa interligação tão profunda com tudo que é atravessado pela vida. Esta afinidade é tão genética que “os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos” (KRENAK, 2020, p. 24). Por isso eles lembram, nas suas cosmogêneses, que, antigamente, eram peixes, jabuti, tatu ou que vieram de uma castanheira ou uma palmeira antes de serem transformados na sua humanidade atual. Esta afinidade abre muitas possibilidades de interação e comunicação entre os seres, de pertença mútua e reconhecimento dos caminhos uns dos outros, de alianças *afetivas* e de troca. Portanto, este *sentirpensar* com a floresta e com tudo que ela encerra, é a fonte e o sustento da militância ecológica indígena, da luta dos povos ameríndios para adiar o fim do mundo.

Daí que deriva também a reivindicação indígena na Amazônia pela *florestania* como uma contraposição à brutalidade da cidadania urbana. Diz Ailton Krenak, que

são pessoas que têm um exercício cidadão dentro da floresta com a defesa dos territórios da floresta, da biodiversidade, da capacidade desses povos se articularem e se moverem em amplos espaços, que não têm que ser na cidade. (KRENAK, 2018, p. 8).

De um lado, a *florestania* questiona a hegemonia da cidade como modelo de socialização enquanto ela é um foco de poluição e consumo de bens industrializados. Uma cidade é usada como pretexto para implantação de grandes empreendimentos de infraestrutura que caracterizam o pisar duro na terra pelo capitalismo. Do outro lado, a *florestania* denuncia a negação do direito à cidade que sofrem os pobres e outras formas de existir. Assim, as pessoas expropriadas de suas terras são relegadas à invisibilidade social nas periferias urbanas sem acesso aos serviços públicos, sem saneamento nem moradia e a mercês do crime organizado. Do mesmo modo, para construir um condomínio ou para asfaltar uma estrada arranca-se árvores nativas do lugar, corta-se a paisagem e transfor-

ma-se os córregos nascentes em esgotos. Portanto, a *florestania* é uma luta para defender tanto o direito à cidadania para todos os seres habitantes de um lugar quanto a demarcação das terras indígenas e a autodeterminação dos povos em seus territórios.

Assim, Krenak reconhece que a tarefa de suspender o céu requer uma aliança ampla de todos os povos resistentes, as “ilhas de humanidade”, representadas por pessoas como Gandhi, Martin Luther King Jr, Chico Mendes, Carlos Drummond, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Eduardo Viveiros de Castro interligadas pelo fluxo vital e que também sentem no corpo, no espírito os movimentos cíclicos da Terra. Elas percebem que o pilar celeste que sustenta o céu está inclinado por ser roído pelo tapir, ganancioso. Então elas se movimentam, lutam, dançam e cantam para a fenda aberta pelo tapir voltar a se fechar (uma história Kayapó). Esta ciranda constitui a dança para curar a Terra da febre causada pelo *necrocapitalismo*. Para o povo Krenak, é nisso que consiste também o ritual do *taru andé*, um ritual de passagem que celebra o encontro do céu e da terra como evento que potencializa a luta para reencantar a vida e devolver à Mãe Terra a sua beleza. É o movimento de interação entre o material e o espiritual como processo natural de empoderamento dos povos em seus caminhos de *re-existência*. Mas este poder deve circular e fluir, como o sangue no corpo humano, como a seiva no corpo de uma árvore. Assim, previne-se a corrupção e cria-se o equilíbrio. A participação na energia vital traz à existência constelações aliadas para adiar o fim do mundo e protagonizar um novo amanhecer cósmico (ver KRENAK, 2020, p. 24).

4. PARA PISAR LEVE, BEM LEVE

Enquanto concluo este artigo, a mídia hegemônica relegou ao segundo plano a luta mundial contra a pandemia de Covid-19. Este vírus de origem zoonótica já infectou mais de 520,9 milhões de pessoas, causando mais de 6,27 milhões de mortes humanas, sendo 665.216 só no Brasil (dados da Ode. Disponível em: <https://covid19.who.int/>; acesso: 18/05/2022). Mas as manchetes estão capturadas pela guerra na Ucrânia, país do leste

européu, onde o povo e seu território estão martirizados, primeiro pelo nazifascismo, e agora, pelo confronto entre a Rússia e a OTAN. Enquanto isso, outras guerras seguem devastando a vida, inclusive no Brasil. Pois o governo brasileiro de plantão, subserviente à fome insaciável do agronegócio e de mineradores, está promovendo a votação, no congresso nacional, do Projeto de Lei 191/2020 que libera a mineração em terras indígenas. No altar do progresso, para se libertar da dependência do potássio russo -ingrediente essencial para fertilizantes agrícolas, vale o sacrifício das vidas e terras indígenas. Este é o tempo em que vivemos. Coincidentemente, é também o tempo da consulta para o sínodo sobre a sinodalidade: comunhão, participação e missão. Neste tempo, seguimos vendendo e comprando, consumindo e sendo consumidos. Preferimos tapar a boca e o nariz com uma máscara em vez de nos envolvermos com a bandeira dos Zapatistas!

Este nosso tempo revela a pertinência da sabedoria ancestral itinerante dos povos ameríndios nos sonhos de Ailton Krenak. E os sonhos *afetam* o nosso caminhar porque revelam o olhar dos ancestrais sobre como pisamos na Mãe Terra.

Como vemos, esses sonhos nos fazem andar em constelação, cheios de empatia e sem ódio, envolvidos na construção de lugares de diversidade. É a luta para reconectar as nossas raízes coletivas e erradicar todas as formas de submissão e pensamento colonial único. Assim, a conversão sinodal é o sonho não somente de uma Igreja discípula, mas também de uma sociedade em paz com sua plurinacionalidade/pluriétnicidade. Pois a vida flui na circularidade da comunidade, na complementaridade dos opostos, na horizontalidade e na interdependência. Este é também o sonho do reconhecimento da *Pachamama* como um ser vivo, sujeito de direitos. Pois a humanidade não é uma qualidade exclusiva, nem uma existência distinta da natureza. Assim, lutar pelos direitos da Natureza, defender a floresta e os rios é fortalecer a *re-existência* da nossa memória ancestral. É testemunhar do nosso *sentirpensar* com a Terra.

Os sonhos que Ailton Krenak partilha conosco nos convoam a “voltar a sermos nós mesmos, para retornar ao nosso centro”

(Choquehuanca 2020) e, no silêncio, fruir a vida e curar o planeta. Não o dinheiro, nem as máquinas, mas o dom da vida como encontro, a possibilidade de interagir amorosamente com tudo o que existe, eis a nossa potência. A nossa força está nas constelações que formamos. Por isso, a conversão sinodal é o sonho, não somente de uma Igreja em saída e profundamente humana, mas também de alianças *afetivas*, interculturais e inter-religiosas, que são também trocas, para adiar o fim do mundo. Não se trata, pois, de vender o amanhã. Trata-se de fabricar “paraquedas coloridos”. Trata-se de lutar para suspender o céu, defender a Mãe Terra e erradicar toda forma de concentração predatória a fim de reencantar a vida.

Sim, o tempo que vivemos é apocalíptico, um tempo que pede coragem e cuidado, diz Krenak. Pois o caminhar dos povos ameríndios, o caminhar de todos os filhos e filhas da Terra é *re-existência* e *afeto*. Não podemos fugir do deserto: precisamos atravessá-lo, juntos. Vivificados pela nossa memória ancestral, andemos em constelação!

PARA REFLETIR:

- Somos mesmo uma humanidade?
- Aponte alguns encontros e desencontros possíveis entre o pensamento de Ailton Krenak e Querida Amazônia do Papa Francisco.
- A vida não é útil, diz Krenak. A vida é dom para fruir. Dinheiro não se come. Ou ainda, o amanhã não está a venda. Concorda? Por quê?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOQUEHUANCA, David. Obrigação de dialogar, o princípio do Bem Viver. Discurso de posse do vice-presidente da Bolívia em 2020. *Agenda Latinoamericana*, Goiânia, 2022. p. 66-67

CIMI (Conselho Indigenista Missionário). Povos indígenas, territórios e biomas. Berços de vida, lutas e esperança. *Semana dos Povos Indígenas*, Brasília, 2017.

_____. Justiça, Terra e Paz para os povos Indígenas. Fontes do Bem Viver. *Semana dos Povos Indígenas*, Brasília, 2018.

_____. Povos Indígenas na luta pelos territórios. Sementes de vida, resistência e esperança. *Semana dos Povos Indígenas*, Brasília, 2020

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Texto 5 - Violações de direitos humanos dos povos indígenas. *Relatório Final* - Volume II, textos temáticos. Brasília, 10 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=571>. Acesso: 22/03/2022.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Roma, 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html>. Acesso: 22/03/2022.

FOSPA (Fórum Social Pan-Amazônico). *Carta de Mocoa*. 15 de novembro de 2020. Disponível em: <<http://www.forosocialpanamazonico.com/wp-content/uploads/2020/11/CARTA%CC%83O-MOCHOA.pdf>>. Acesso: 22/03/2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. Palavras de um xamã Yanomami. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Discurso na Assembleia Constituinte*. Brasília, 4 de setembro de 1987. Diário da Assembleia Nacional Constituinte (suplemento B). Quarta-feira, 27/01/1988; p. 572-573.

_____. *O Eterno Retorno do Encontro* (1999). Disponível em: <<http://ailtonkrenak.blogspot.com/2009/12/o-eterno-retorno-do-encontro.html>>. Acesso: 22/03/2022.

_____. Ecologia Política. *Ethnoscienza* vol. 03 (nº2 Especial), 2018.

_____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *A vida não é útil*. Pesquisa e organização de Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a

_____. *Do tempo*. 2020b. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/71>>. Acesso: 22/03/2022.

MIRANDA, Moema, OFS. *Luto ecológico: chorar nossos mortos e fortalecer a comunidade!* Por um apocalipse com Redenção. Agenda Latinoamericana, Goiânia, 2022. p. 154-155

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015

_____. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Querida Amazônia*. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Documentos Pontifícios 43. Brasília: Edições CNBB, 2020.

_____. *Discurso aos fiéis da diocese de Roma*. Roma, 18 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiro-ma.html>>. Acesso: 22/03/2022.

SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia integral*. Assembleia especial para a região Pan-Amazônica. Documento Final. Documentos da Igreja 58. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SOUSA, Paulo Ricardo Sampaio de.; BARROS, Marcelo. *Reencantar o mundo e a vida para uma espiritualidade profética e alternativa das comunidades*. Agenda Latinoamericana, Goiânia, 2022. p. 104-105.

SOUZA E SILVA, Jailson de. Ailton Krenak - A Potência do Sujeito Coletivo. Parte I & II. *Revista Periferias* n° 1 (maio 2018). Disponível em: <<https://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>>. Acesso: 22/03/2022.